Data: 28.06.2021
Titulo: Maiores e vacinados
Pub: CORREIO da manhã
Tipo: Jornal Nacional Diário
Secção: Nacional
Pág: 2

QuickCom comunicação integrada

Área: 411cm²/ 47%
Tiragem: 148.036
FOTO
Cores: 4 Cores
ID: 7166007

MAL POR MAL

Maiores e vacinados

Luciano Amaral
Professor Universitário

O desconfinamento da sociedade vai sendo decidido na base daquele retangulozinho colorido que ninguém discutiu em março, quando o Governo o tirou da cartola de uma qualquer reunião do Infarmed. É assim na pandemia: ninguém discute os valores do quadradinho ou a necessidade de confinamentos, apesar da destruição social que trouxeram.

Ninguém discute também as vacinas, embora pareça que há muito a discutir. Há uma semana, numa peça da agência Lusa, o investigador Miguel Castanho, da Faculdade de Medicina de Lisboa, explicou que a ideia de imunidade de grupo com 70% de vacinados está 'completamente desatualizada', porque 'as vacinas não protegem contra a infeção e contra a capacidade de transmissão'. Eu ainda sou do tempo em que vacinar significava imunizar, mas também devo estar desatualizado: se é possível ser infetado e infetar mesmo depois da vacina, para que serve ela afinal? Mas no dia seguinte, outro investigador, Marc Veldhoen, da Universidade de Lisboa, numa entrevista ao jornal 'Público', já mostrava confiança, embora de forma 'especulativa', na capacidade das vacinas para imunizar.

> NINGUÉM DISCUTE TAMBÉM AS VACINAS, EMBORA PAREÇA QUE HÁ MUITO A DISCUTIR

Convém saber quem está certo, porque as consequências são radicalmente diferentes. Se for Castanho, não podemos confiar nas vacinas para evitar a circulação do vírus. Pelo contrário: crentes na proteção, as pessoas retomarão a normalidade e espalhá-lo-ão mais. Se for Veldhoen, podemos. Há países que se comportam como se Castanho estivesse certo: Israel e as Seychelles, dois dos países mais vacinados do mundo, têm novos surtos e regressaram às restrições (máscaras, confinamentos). Outros, como se fosse Veldhoen: Singapura decidiu passar a tratar a Covid como uma doença viral endémica que não requer restrições. Neste último caso, as vacinas servem para libertar a sociedade. No outro, não. Precisamos de falar do que estamos a fazer. ●